Conferencia que deveria ter sido pronunciada em Santos, e que o não foi por força maior.

## A CONFLAGRAÇÃO EUROPEA ESTUDADA DO PONTO DE VISTA ECONOMICO

O espirito generoso dos alliados levou-os a imaginarem um Zolverein limitado ás suas transacções mercantis, um bloco economico no interior de suas relações de troca commercial, uma unificação fraternal entre os povos que se bateram contra a Allemanha, uma liga com quebra de todas as barreiras aduaneiras. Seria uma fórma importantissima de guerra economica, após a guerra cruenta contra a sanguisedenta Allemanha. Esta fórmula "War after war", que um anhelo dos alliados faz julgar muito facil de se tornar uma realidade, é de muito mais difficil execução do que se afigura á primeira vista.

Si tão rapidamente teve acceitação este sonho, é que facilmente acreditamos exequivel o que com ardor desejamos possa ser effectuado. Os grandes mestres na Sciencia Economica ensinam quão arduos problemas a guerra traz comsigo. Não quero me referir ao oceano de tinta derramado pelos philosophos para o estudo da guerra, do elevado ponto de vista de sua origem, de sua causa, de seus effeitos moraes e sociaes, que não economicos. Meu ponto de vista é muito mais modesto e restricto.

Eu vou estudar unicamente as relações entre a guerra, e as condições economicas dos belligerantes e dos neutros, cuja situação de riqueza é attingida e modificada pela lucta sangrenta dos campos de batalha longinquos. Desde muito, surgiu um problema de embaraçosa solução: é a guerra um factor de empobrecimento? Questão analoga formulou-se em Sociologia: é a guerra factor de atrazo de cultura? Ha mais de 70 annos, o grande economista inglês Stuart Mill discutiu a questão do empobrecimento pela guerra, e a resolveu pela negativa: não, a guerra não empobrece, e nota-se que os povos que parecem arruinados por uma longa campanha, resurgem com muito maior vigor de producção após o ultimo combate.

Deu o celebre escriptor uma explicação que se liga a um phenomeno interessantissimo. Fez observar que quasi toda a riqueza consumida por um paiz é produzida no mesmo anno de consumo. Assim sendo, é claro que, diz elle, cessada a lucta, os cidadãos que se bateram no campo de batalha, tornados ás industrias, no mesmo anno, embora com privações, produzam tudo o de que necessitam para seu sustento no anno immediato. Stuart Mill, como é sabido, procurava dar á Sciencia Economica um caracter mathematico, tendencia que alguns economistas mais recentes exageraram, e por isto mesmo desprezava certos elementos pessoaes a que tanta importancia ligam os economistas modernos, entre os quaes René Gonnard, que denominou a lei que se refere á preponderancia do factor moral, do factor humano, lei da plasticidade, querendo indicar que os elementos externos soffrem a acção importantissima do homem, de nossas tendencias moraes, de nossas opiniões, de nosso culto espirito, em summa. Não se póde negar que as condições de espirito dos membros de uma communhão social influem grandemente sobre a producção, sobre a troca e sobre o consumo dos productos obtidos.

Em uma licção inaugural, que se tornou celebre, não só pelos elevados conceitos do mestre, mas tambem por conter um verdadeiro depoimento sobre as condições economicas da França, durante a actual guerra, affirmou Gide que a producção se intensificára naquelle bello e rico paiz.

de tal modo que o estado das classes pobres ficou melhor, naquelle povo, durante a conflagração, do que antes de ter sido ella iniciada. Encarava o professor unicamente a producção. Faltou-lhe, no momento, a vista de conjuncto. Mais tarde, em outro não menos notavel trabalho, veio o economista mostrar a modificação profunda que a guerra trouxera á repartição das riquezas. Ainda mais, o mesmo Gide estudou a influencia que, após sua terminação, poderia a guerra exercer sobre as idéas dos ricos, tendo estes se achado em longo contacto com os operarios nas trincheiras, e nos campos da sanguinosa lucta.

Ahi ha uma applicação da lei da plasticidade de René Gonnard. Não nos illudamos: a guerra, ao lado de innumeros inconvenientes, tem a vantagem de modificar a acção brutal das forças sociaes que presidem á producção, á distribuição e ao consumo das riquezas.

A paz armada que nos rouba tantas forcas productoras, que é incontestavelmente uma calamidade, não deixa entretanto de favorecer a producção, tornando os homens mais fortes, pelos exercicios com que se endurecem para a guerra, e mais amantes do trabalho, por se terem disciplinado nas linhas do exercito. Daniel Bellet, economista francês de grande merito, apresentou, em 1915, um bellissimo estudo sobre a riqueza crescente da Allemanha até 1914, com o titulo "A verdade sobre o enriquecimento da Allemanha", e affirmou que tal melhoramento das condições economicas do paiz inimigo da França era uma realidade. E' sabido que os allemães, com frequencia, se gloriavam de sua enorme riqueza, e do rapido e continuo melhoramento de suas condições economicas. Pelas estatisticas que nos fornece o economista francês, reconhecemos que não estava a Allemanha longe dos Estados Unidos da America, apreciada a ésta luz.

Tornando porém ao ponto de vista de René Gonnard, força será confessar que não é entretanto invejavel um tal enriquecimento. Não é o homem um simples fabricante

de riquezas. Mais alto do que ser maguina de produzir é seu destino. Não devemos invejar, nem o norte-americano, que, aculeado pela cobiça, só se occupa de enriquecer, nem o allemão que, disciplinado, quasi escravizado nos estabelecimentos da casa Krupp, augmenta, sem termo, sem limite, com a preocupação unica de augmentar, todos os productos. Ha alguma coisa mais elevada, como bem comprehendeu a França, pondo por obra a phrase do Evangelho: não vive o homem só do pão. A conquista das 8 horas de trabalho que, do ponto de vista da superproducção, sería uma calamidade social, é entretanto um triumpho obtido pela civilização. Não podemos deixar de convir em que ha certo fundo de verdade na crítica que os chinezes fazem da civilização europea, dizendo que se limita ao desenvolvimento da riqueza e do poder guerreiro de destruição. Fóra a injustiça que faz a China á Inglaterra, paiz onde houve sempre a preoccupação da cultura moral, e ao grande numero de pessoas que seguem a orientação inglesa em outros Estados europeus, incontestavel é a procedencia de accusação de descuido quantoá moral, feita pelos chinezes aos europeus.

A cultura europea, durante o seculo XIX, foi toda material, e a invasão da doutrina do Materialismo Historico, ao lado do Direito de Necessidade, é a mais eloquente e convincente prova de meu asserto. E' o factor economico o unico que move as sociedades, dizia o Materialismo Historico. A força, só a força faz o Direito, diziam os partidarios do Direito da Força, tão generalizado na Allemanha. A necessidade não conhece principios, e é a necessidade que rege a vida dos povos, asseguravam os defensores da doutrina repulsiva do Direito de Necessidade: "Not kent kein Gebot".

Veio a guerra, e, empapados os campos de batalha de sangue, abrazadas as terras de cultura, practicada pela Allemanha toda sorte de crueldades, transformada a Europa em um verdadeiro inferno, foi reconhecido que alguma coisa, além do interesse pecuniario, alguma coisa mais elevada do que o amor aos bens materiaes, move os homens, quando se viu a humanidade culta, febricitante, ir collocar-se ao lado da França, em lucta contra o paiz onde o povo adorava, em repugnante idolatria, a força, a necessidade e o bezerro de ouro. Foi então que os economistas partidarios da verdadeira doutrina, affirmaram que não tinha razão o norte americano Fullerton, quando escreveu que "o edificio social se firma inteiro sobre o alicerce dos interesses economicos, e que o dinheiro foi sempre a chave que abriu as portas dos problemas da Historia". Os factores que operam a evolução na vida da humanidade são muito mais complexos do que pretende esse simplicismo de Fullerton. Não quer isto dizer que a Economia Politica falliu, mas só que uma escola economica viu que suas doutrinas não eram verdadeiras, diante dos factos que se desenvolveram na culta Europa illuminada pelo clarão do incendio de suas cidades, de seus edificios seculares, de suas fabricas, que constituiam o orgulho da geração que viveu no seculo XIX, o seculo das luzes, diante do amor que mostraram todos os povos christãos da Europa occidental e da America pela civilização que nos foi legada por nossos avós, e inspirada nos principios christãos da fraternidade humana, da caridade evangelica... O que falliu, diz René Gonnard, em uma notavel lição inaugural pronunciada em Lvão, foi a Economia alleman. Muller, List, Roscher, Schmoller e outros theoricos allemães mostravam a seus concidadãos a impossibilidade de uma Cosmopolis commercial, sonhada por alguns utopistas.

Mais damnosos, porém, do que estes, pregavam a doutrina da superioridade alleman, donde nasceu um pangermanismo mercantil, mil vezes mais perigoso do que o modo de entender vulgar na terra do Kaiser. O illustre professor que acabo de citar, deixára a farda para tomar de novo a béca do mestre, por elle honrada durante 15

annos, e, ainda ouvindo, em éco longinquo, os gemidos dos seus companheiros da vida de trincheira, apostrophou seus discipulos, perguntando-lhes quantas vezes lhes denunciára o economista allemão List, como sendo exaltado pangermanista... Concluirei pois essa digressão, dizendo que a primeira conquista dos povos que se batem com os exercitos dos imperios centraes foi o estabelecimento de que a sciencia deverá, dora em diante, confessar que sua missão não é unicamente descobrir os processos para o desenvolvimento economico dos povos, para a busca do augmento das riquezas, para melhorar, em summa, as condições materiaes de vida das classes fortes, mas tambem ampliar o laco de solidariedade entre as diversas classes sociaes, cultivar os sentimentos nobres, extender o ensino moral. Tornarei ao ponto em que me achava, quando sustentei que a guerra está longe de ser a calamidade economica que se suppõe vulgarmente, mostrando que o phenomeno, comquanto não tenha sido satisfactoriamente explicado, ahi está innegavel, patente, impossivel de ser contestado.

Quero que, para os povos que hoje se batem em defesa da civilização, se proclame ésta consoladora verdade de trazer a guerra, não obstante consumir tanta riqueza, melhoramento de condições economicas dos paizes em lucta. O proprio economista norte-americano Burton, sem embargo de haver sustentado ser a guerra sempre um mau negócio, por trazer despezas improductivas, reconheceu que é menor seu damno economico do que geralmente se suppõe, e explicou o phenomeno, dizendo que eram as despezas extraordinarias por ella determinadas gastos previstos, e, por isso mesmo, de antemão remediados por meio de medidas acertadas e impostas, com força, pela auctoridade. Com effeito, é este um dos factores que cooperam para que a guerra melhore, por uma parte, as condições economicas de um paiz, emquanto por outra parte, as damnifica. Não interessa, por agora,

felizmente a nós brasileiros saber o que produz a guerra effectiva, mas devemos estudar a paz armada, para a qual seremos provavelmente arrastados, no dia em que for assignada a paz entre os belligerantes. Do mesmo modo que a guerra, longe está ella de ser a calamidade amaldicoada por uma escola socialista, que illudia o povo com a sua conhecida these de que o interesse economico era o unico movel de todos os actos humanos, e de que o crédito universal açaimaria os canhões, impedindo qualquer guerra, these infelizmente defendida, em eloquente e bellissima conferencia, na capital de nosso Estado, pelo habil professor e mestre conferencista Ferri, poucos annos antes de explodir a conflagração que assombra o mundo, e desmente a doutrina perigosa com que deu aquella escola uma falsa seguranca á humanidade embalada pelo sonho do pacifismo.

Com o coração alanceado pela dor, sinto dizer que longe estamos desse dia sonhado por espiritos generosos. buscado com sacrificio sobrehumano pelos nossos companheiros de lucta contra a barbara Allemanha, dia em que se realizará a promessa do Divino Mestre, promessa de paz a todos os homens na Terra. Consola-me porém affirmar que a paz armada será, segundo a tradicional maxima "Si vis pacem, para bellum", parte para a diminuição das probabilidades de termos de derramar, mais tarde, nosso sangue ou de nossos filhos nos campos cruentos em que os povos apuram seus direitos, bem como que não é ella, segundo ficou provado na Allemanha, factor para cahir o povo na miseria, como erradamente affirmou a escola socialista a que se filiava o professor Ferri. Clarissimo é que não passou pelo meu espirito sustentar que devemos estabelecer a paz armada como sendo meio para nos enriquecermos. Não. Acabo de sustentar que o fim principal do homem não é só enriquecer, e que deve, no paiz, haver desenvolvimento harmonico. Affirmei que, tambem na paz, com a rota industrial.

pode um paiz enriquecer, e citei para exemplo os Estados Unidos da America do Norte. O que digo é que, si formos forçados a manter-nos em armas, para defendermos, nos campos de batalha, o que produzimos nos estabelecimentos industriaes, não devemos considerar este regimen social como um sacrificio insupportavel, por levar o povo á miseria. O que avanço é que, mais uma vez, encontrando alguns sociologos difficuldade de explicar um phenomeno social, ou de descobrir a causa desse phenomeno, sustentaram que era a paz armada a causa da miseria de certos povos, quando, a meu ver, outros eram os factores desse desastre.

Confesso porém que, si o Governo não applicar sábiamente ao desenvolvimento da riqueza em nossa patria as forcas alcancadas pela militarização do povo, ésta não poderá dar os admiraveis, desejaveis, surprehendentes resultados que produziu na Allemanha, segundo o economista francês Daniel Bellet. Cumpre-nos imitar a Allemanha, neste particular. Não cause extranheza ás pessoas que me ouvem aconselhar eu que copiemos a Allemanha, baixa hoje no conceito dos povos civilizados. Refere Montesquieu, ao estudar a origem da grandeza dos romanos, que elles sempre se aproveitaram de tudo quanto de bom encontraram nos povos vencidos, e a ésta civilização dativa deveram particularmente ter podido constituir o mais solido imperio que existiu jamais sobre a Terra. E' pois copiar a Allemanha, como a copiam os franceses, segundo vemos em quasi todos os artigos de todas as revistas de Economia Politica do glorioso povo hoje na vanguarda do progresso, que deve ser para nossa patria, continua preoccupação.

Notemos porém que si, só hoje, a França se convenceu de que deveria modificar profundamente sua rota economica, acceitando o que se firmára como sendo o bom alem do Rheno, força é reconhecer que, muito antes, já Leroy Beaulieu fazia sentir que sua patria arrastada

por um excesso de liberalismo, levava errado caminho em matéria de desenvolvimento economico, e insistia o mestre em ser preciso intensificar a producção, augmentar o trabalho, assumpto em que os factos posteriores lhe deram inteira razão. De escola diversa, tambem censurava a má direcção dada á producção, ao trabalho em França o grande mestre Gide: não feria a tecla da intensificação do trabalho, como o fez agora, mas tractava da necessidade premente de serem mais vantajosamente dirigidas as forças productoras do paiz. Encarada a questão a ésta luz, temos de confessar que, em nossa patria, tudo está por fazer. Muito longe está o brasileiro daquella intensificação do trabalho desejada pelos economistas, e exigida fortemente pelo Estado. Além disso, á nossa sciencia, aos nossos estadistas, aos que estão na alta direcção dos destinos do Brasil, apresenta-se problema tão difficil quanto o do augmento da producção, problema cuja solução felizmente pode ser espaçada para depois de terminada a guerra, mas que requer seja enfrentado com vigor, com resolução. Refiro-me á variedade de culturas, á lucta contra o que denominamos monocultura.

Si nossa patria pudesse contar sempre com a paz, evidente é que deveria só produzir aquillo que com maior facilidade que as demais nações póde lançar ao mercado mundial. Produzimos o café e a borracha, e recebemos da Argentina o cavallo e o trigo. Mas, rôtas as relações mercantis entre as nações, claro é que se dará uma difficuldade na importação, como vemos na actual guerra.

Ha poucos annos, perguntava nossa imprensa si, no caso (quod omen dii avertant) de termos de guerrear com a Argentina, mandariamos pedir á Republica do Prata animaes para a nossa cavallaria. Como se vê, a paz armada tornará indispensavel certo proteccionismo, e nada é mais difficil do que manejar as medidas economicas a esse intento. Com certo vexame, sou forçado a dizer que, emquanto os Estados Unidos da America do Norte enri-

queciam sob tarifas protecionistas, o Brasil usava tão mal dessa arma que o systema se desmoralizou em nosso paiz, vendo nós sua condemnação até por um dos mais notaveis mestres de Economia Politica, o saudoso e nunca assás louvado dr. Almeida Nogueira, a quem devo as primeiras noções que tive da bella sciencia. Entretanto a verdade é, creio, que, em paizes novos, onde a industria é incipiente, a protecção, medida politica de difficil manejo, verdadeira arma de dois gumes, e que portanto só deve ser empregada pelos homens que são dignos do nome de estadista, é recurso indispensavel.

Dirigida com pericia, ella dará o resultado collimado. Não basta, porém, usar da arma do imposto aduaneiro. Corre ao estadista o dever de, por varios outros processos, auxiliar o incremento da producção, fomentando a industria, como, por exemplo, creando escolas profissionaes, aiudando por meio de capitaes, as industrias mais fracas, divulgando conhecimentos technicos, introduzindo mestres de artes uteis para o enriquecimento de nossa patria, emfim seguindo o que ensina a Sciencia da Administração, sciencia tão nova e tão desenvolvida já, gracas aos esforcos dos mestres que muito carinhosamente della se occuparam. Ao estudar a guerra civil que convulsionou os Estados Unidos, disse Lowell que foi ella, apesar de tudo, um grande remedio para enormes males. O mesmo poderemos dizer da conflagração européa, si ella tiver a virtude de nos advertir do perigo em que nos achariamos si houvessemos de luctar contra qualquer inimigo, no caso de mantermos o norte economico que actualmente conservamos, em um empirismo, com uma falta de descortino, de previsão realmente lastimaveis. Cercados por mar pela Allemanha, quando ella vier a ficar folgada, uma vez terminada a guerra actual, cortadas nossas communicações com a republica amiga que temos ao Sul, grande será nosso embaraco, a não termos previdentemente organizado nossa producção, de fórma a podermos nos defender da carencia

do necessario á vida, emquanto nos batermos galhardamente contra os inimigos de nosso querido Brasil. Um acendrado amor de minha estremecida patria fez-me desviar do fim que me propuz, e levou-me a que, temeroso de que algum mal possa vir ao nosso Brasil, desde já, filho com o coração a transbordar de amor, eu tractasse de dizer o que penso deva se fazer para que nunca venha a ser ésta terra que adoramos profanada pelos estrangeiros. O que me cumpre estudar, nesta conferencia, é particularmente o nosso dever actual, do ponto de vista da guerra economica a mover ao audaz estrangeiro que ultrajou nossa patria. Sabido é que a Inglaterra procurou atacar o allemão particularmente pelo antigo processo sempre por ella seguido de afastamento do mercado, pela blak list. Não é novo o processo, disse eu, mas resta accrescentar que tem sido sempre de grande proveito. Foi empregado pela Inglaterra, na Guerra de Cem Annos, com tanta efficacia quanto, quatro seculos depois, o bloqueio continental, de que contra ella se utilizou Bonaparte, provocando, é certo, della represalias como sabemos todos. Nosso dever, neste momento historico gravissimo, é prestar auxilio aos inimigos da Allemanha, quer nos conformando lealmente ás prescripções da blak list, quer ajudando os povos que hoje são verdadeiramente nossos alliados, fornecendo-lhes tudo quando fôr possivel. nos é licito, em tão grave situação, olhar a nosso rêsse pecuniario. E' a nossa dignidade que está offendida, é o brio nacional que deve ser vingado, é a honra da patria que foi vilipendiada, quando a Allemanha torpedeou nossos navios. Não podemos, pois, olhar agora a interêsses economicos, mas corre-nos, ao contrário, o restricto dever de tudo sacrificarmos á vingança. Exigem que assim procedamos o nosso passado limpo, a nossa tradição de povo livre, a necessidade de conservarmos nosso pavilhão immaculado. Emquanto, porém, luctamos no campo economico. e promptificamo-nos a dar aos alliados o auxilio mesmo de nossos braços no campo sangrento em que a França, a Inglaterra, e a Italia buscam o triumpho completo da causa da civilização, não devemos nos descuidar de nossa incipiente e mal segura industria. Muito ha a fazer para nos tornarmos dignos desse torrão com que a Providencia Divina, cheia de bondade para comnosco, foi servida nos attribuir na partilha que fez dos bens da terra. Nossa patria abencoada, onde a ubertosa terra pede pouco trabalho para, mãe carinhosa, retribuir, com generosidade, o leve amanho; nossa patria onde as matérias primas abundam a desafiar nossa industria; onde as forças naturaes se manifestam na opulencia das cachoeiras, na hulha branca que substituiu, neste seculo, o pão negro com que se alimentou a industria do XIX; nossa patria está a supplicar que, desde já, demos começo a essa intensificação de trabalho que hoje é uma realidade na Europa.

Não basta a economia, a diminuição dos gastos, sua limitação ou reducção ao minimo, mas é mister o augmento da producção, cumprindo que não nos esqueçamos de que póde ainda durar essa guerra muito tempo, e que muitas surpresas temos que esperar antes de vermos triumphar a causa da civilização. Não me perguntem quando devemos começar essa campanha de intensificação de nosso trabalho, porque eu responderei que perdemos já alguns mezes, pois, desde a declaração de guerra feita por nós á Allemanha, corria-nos o dever de termos mudado o rumo até hoje por nós seguido, qual o da imprevidencia em tudo quanto diz respeito ao elemento economico da vida social.

Fundou-se na capital, ha algum tempo, uma sociedade destinada ao estudo de nossos problemas economicos. Declarada a guerra, procurei nos jornaes diariamente a palavra dos economistas congregados, afim de ver o que tão doutos cultores da agradavel, deleitosa, seductora e mesmo encantadora sciencia economica viriam dizer aos brasileiros.

Foi duro meu desengano, quando, após muitos dias, muitas semanas, notei que não se fazia ouvir a palavra autorizada dos mestres. Pois que! Nada ha a dizer sobre a industria extractiva do ferro? Nada sobre o nosso carvão? Nada sobre a fabricação dos oleos, sendo nosso paiz tão rico em plantas oleaginosas, e nós tão ignorantes nessa industria fabril? Nada sobre a criação dos animaes? Neste particular, deve-se indagar si é possivel, dada a grande necessidade actual de lan, pensarmos na difficil, na mais difficil das criações, que é a do carneiro, ou si podemos contar com a lan produzida noutros paizes da America do Sul. Nosso Congresso deveria ter armado o Poder Executivo com o imposto elastico, como se diz em Sciencia das Financas, habilitando-o a dar ao tributo a funcção cultural. E' essa elasticidade que tem produzido milagres na Allemanha, e que faltou em nossa Patria, quando fizemos os maiores erros em relação á cultura dos cereaes. Houvesse o Governo podido modificar as tabellas alfandegarias bem como outros impostos directos sobre os productores e exportadores de cereaes, e longe de haver feito, com um imposto de exportação imprudentemente lançado, diminuir a produccão destes, teria impedido a sahida excesso, e, ao mesmo tempo, haveria fomentado sua cultura. Sabem todos os que me ouvem como opera o imposto elastico, e estou certo de que hão de convir commigo em que nunca elle foi tão necessario, quanto na quadra actual, em que as circumstancias da vida social se modificam repentinamente. Não deveriamos ter já pensado na abertura e na conquista de novos mercados para o café, ou antes para a sobra de nosso café, pois é claro que de mais produzimos para os alliados? Cuidámos de lançar nosso principal producto nos mercados sul-americanos? Já voltámos nossas vistas para as repúblicas do Pacifico? Não pareça que desejo censurar o nosso Governo, que, patriotico, é certo, não fez tudo quanto poderia fazer em prol de nossa defesa economica. Reconheço que, surprehendido, do mesmo modo que as demais nações, não podendo crer que a Allemanha levasse tão longe sua audacia, não poude pensar em tudo isto. Era aos economistas brasileiros que cumpria esclarecel-o sobre as medidas urgentes a serem adoptadas, era aos particulares, movidos pelo civismo, e mesmo pelo interêsse pessoal, que cabia indagar como sería mais conveniente para o Brasil, e para elles mesmos, a direcção de sua actividade productora. Era aos mestres que tocava mostrar que um dos mais importantes factores do nosso atrazo economico é a falta de educação technica, pois até agora quasi nos temos occupado exclusivamente da classica.

Sejam, porém, tomadas dentro de certo limite as minhas observações quanto á falta de iniciativa de nosso escol e do nosso povo. Alguma coisa se fez, mas de pequeno vulto. Não regatearei elogios á Confederação Nacional de Cereaes realizada no Paraná sob os auspicios da Sociedade Nacional de Agricultura, e presidida pelo sr. dr. Vieira Souto, de quem sou um dos mais sinceros e ardentes admidores pelos grandes serviços que prestou á patria.

Em nosso Estado, o sr. dr. Veiga Miranda, nos dias que se seguiram ao luctuosos da parede dos operarios esfaimados, debateu em nosso Congresso, com elevação de idéas, o difficil problema do repovoamento dos campos, continuando a lucta pelas columnas de um grande orgão de publicidade, que hoje honra nossa capital. Foi feliz chamando a nossa attenção para o difficil, para o arduo ponto de saber și é á industria agricola, si á fabril e manufactora nos convém dar maior desenvolvimento. Ao mesmo tempo, agitou o espirito dos estudiosos, de modo a leval-os ao exame do absenteismo, um dos mais sinistros factores da decadencia da nossa agricultura. Tambem, em nosso Congresso Federal, alguma coisa se fez em prol do desenvolvimento de nossa riqueza, mas só pelos discursos de alguns patriotas. Por muito grande que seja o merecimento desses cidadãos, pouco valem seus esforços isolados, e é por isto que eu vos concito a que auxilieis tudo

quanto se tentar em beneficio do desenvolvimento de nossa producção, e a que, com a vossa competencia, pois falo a um auditorio selecto e de conhecimentos economicos e financeiros, coopereis com esses homens bem intencionados e desejosos de servir o nosso estremecido Brasil. Em França e na Italia, já se cuida seriamente do que se ha de fazer após á guerra. Li, ha pouco, um artigo publicado, o anno passado, na Revista da Economia Politica, em que uma professora russa Anna Vera Eisenchadt escreve, de Milão, sobre a refórma das tarifas aduaneiras empós a guerra, e particularmente sobre as sedas trabalhadas de proveniencia italiana. fez-me lembrar o asserto que ouvi ha alguns annos de um svrio, em relação á facilidade da cultura da amoreira branca, em Ribeirão Preto. Dizia o semita que, no dia em que cessasse a cultura do café, e tivesse o Brasil de se ver forçado a dar attenção á sericultura, baixaria a seda em todos os mercados, e os paizes productores da matéria, hoje tão estimada, ficariam certamente arruina-São essas as nossas fontes de opulencia que nos convidam darmos nossa actividade á producção de enormes riquezas, podendo, si quizermos, deixar longe, em pouco tempo, a gloria dos Estados Unidos, assombro actualmente do universo. Será á direcção acertada de nossa actividade que deveremos este milagre, será ás luzes que nos dá a Sciencia Economica que deveremos este prodigio. Chego de uma excursão ao inteterior do Estado. A mais impressionadora antithese encontrei entre a actividade febril da industria da capital e a farta, tranquilla e animadora vida agricola. Ao sahir do Palacio das Industrias, onde se realizou, em nossa capital, a última exposição, tinha meu cerebro povoado das imagens dos productos que se accumulavam dentro do predio, causando aos visitantes, pela sua multiplicidade e perfeição, assombro, pois julgavamos que tudo quanto possuiamos de bom era do estrangeiro. Ao longe,

no bairro manufactor, o ar enchia-se com o ruido das machinas, com o silvo das locomotivas, com o resfolegar dos motores a vapor, com a poeira negra do subtil carvão que se perde em nuvens escuras pela atmosphera, e os operarios musculosos passavam indifferentes a espectaculo de vida nervosa a que estão já habituados. E eu meditava: é ésta a minha patria guerida, ésta terra forte, energica e industriosa, que enche o Palacio das Industrias com os productos que a culta Europa se honraria de adoptar como sendo de suas officinas, e portanto cumpre a nós, homens que conhecemos o que é a producção, o que é a industria, animar nosso povo, dizendo-lhe que póde se collocar, em breve, ao lado das nacões mais adiantadas na industria fabril. se apagára de meu espirito a recordação do que eu vira na capital, e outro espectaculo muito mais imponente se me apresentava, e era o da mais fertil região de que tenho notícia, e que parece confirmar o que dizem as Letras Santas sobre Palestina, o Oéste de S. Paulo. Não ha palavras que descrevam o que é a região agricola que acabo de percorrer, e que quasi todos vós conheceis. A vegetação é verde-negra, e nunca nos fartamos de a admirar; mas o que interêssa particularmente é que ella restaura sempre a coragem do lavrador nas horas de desfallecimento. A contemplação dessa terra miraculosa, onde a semente brota rapida, transformando-se em planta vigorosa, onde o ar parece acariciar os cafeeiros, ora alternando o tom rôxo da terra com a sua côr verde escura, ora transformando-a em região coberta de neve ao tempo do florecimento, ora dando-lhe o aspecto de solo manchado de sangue, quando seus fructos abundantes têm o tom das cerejas, trazendo sua côr sanguinea ao espirito a idéa de que das arvores pendem moédas de ouro, é de nos deixar maravilhados. È o claro Sol, o Sol fecundo que é o testemunho da bondade do Creador e de seu carinho para com os brasileiros, o Sol da região abençoada onde o ouro não é buscado nas entranhas escuras da Terra, mas se offerece facil aos dedos do agricultor sobre os galhos das arvores, o Sol doura os longos renques de cafeeiros, e torna bem illuminado esse espectaculo de opulencia, unico em todo o mundo! E é essa a nossa terra, terra que convida ao trabalho, que o remunera com uma generosidade unica, nunca vista... Refere Saint Hilaire que os primeiros colonos, enviados por D. João VI para Casa Branca, ao verem os troncos colossaes das arvores seculares, ao considerarem a forca que deveriam empregar para luctar com a natureza tropical, partiram para o Rio de Janeiro para se lançar aos pés do rei, pedindo-lhe que os dispensasse de cultivar terra tão bravia. E' certo que, mesmo entre os aventureiros, houve fracos, mas tambem é fóra de questão que, em sua maioria, permaneceram esses colonos cortando a matta aspera, e tirando do ubertoso solo a abundancia de que ainda hoje gozam muitos de seus descendentes na região que agora encanta a todos os que ambicionam fortuna. Mas... desculpaeme: falando da riqueza de minha terra, ao intento de mostrar quanto devemos amal-a, e quanto devemos aproveitar suas forças productoras, para legarmos a nossos filhos a abastança e mesmo a opulencia, e quanto devemos nos acautelar contra a cubiça do estrangeiro que seguramente quererá arrancal-a de nossas mãos, eu me alonguei expondo-vos o espectaculo, velho para mim. creado na região do café, mas sempre impressionador, expondo-vos o effeito que em mim produziu a fertilidade sem par de nosso abencoado solo. Tornaremos ao nosso dever do ponto de vista economico, quer durante, quer após á guerra.

Surge a questão: será possivel a lucta economica, mesmo depois de terminada a lucta pelos canhões? Depende esta nova guerra de certos elementos que não podemos agora prever si permanecerão, quando se desfizer a última fumaça do derradeiro tiro.

Era necessario que o povo inteiro, todos os commerciantes, e mesmo os individuos que compram para seu uso pessoal, conservassem para com a Allemanha o mesmo odio que hoje têm. Esse phenomeno não se dará provavelmente, e ainda em relação aos judeus, não obstante o factor religioso, esse odio não foi bastante para os privar de clientes. Por algum tempo, sim, os allemães terão de nós mais alguma coisa do que a antipathia. E' de referir que os rancores antigos não eram tão accentuados após ás guerras externas, quanto depois das civis, nem podem se comparar aos que devem surgir depois das actuaes, em que é envolvida toda a nação, e não sómente um exército de profissionaes. E' a nação inteira hoje que se bate na guerra externa, como o foi sempre na guerra civil.

A guerra gera feridas incuraveis nas classes que foram mais martyrizadas por ella, e quando ataca toda a nação, em todas as classes, deixa sangrentos vestigios em todas as almas. Conta-se que Curupaity foi batalha em que, por circumstancias particulares, pereceu a flôr da nobreza argentina. Durante muitos annos, não se podia pronunciar esse nome em um salão argentino, sem que uma lagrima de dôr pungente, de saudade infinda deixasse de rolar nas faces aristocraticas de uma dama. no emtanto não foi mais mortifera que tantas outras pugnas em que nossas armas, unidas ás dos nossos valentes alliados, deixaram escriptas, com o sangue de nossos avós, a brilhante epopéa que se chamou Guerra do Paraguay... War after war é pois coisa muito duvidosa. O que nos cumpre é conseguir a adaptação do allemão que se acha em nosso paiz, e evitar, quanto possivel, a entrada de novos elementos, que, como vimos, são factores de perturbação interna.

E' possivel que tenhamos tido um errado procedimento com os colonos allemães, pois o grande publicista norte-americano Frederico Whitridge assegura que não

ha homens que mais facilmente do que elles assimilem a civilização americana, e explica o phenomeno pelo horror que inspiram a todo allemão as peas á liberdade determinadas pela celebre, e nunca assás decantada cultura germanica, que é uma escravização, sob o nome de militarização: entre a liberdade de que gozam na America e a escravidão ao Kaiser, a escolha não é difficil. explica o illustre escriptor americano. No Brasil, vimos sempre o contrário: o allemão difficilmente volta para a Allemanha, mas, mesmo aqui nascido, fala sempre com amor da cultura, isto é da escravidão ao Kaiser. Si não se offerece ás algemas do captiveiro europeu, ao menos está sempre a dizer que sua ambição, seu maior desejo é ser escravo do imperador Guilherme. Ora, em taes condições, impõe-se-nos o problema da unificação de nosso povo, da metamorphose dos imigrantes allemães actualmente em nossa patria.

Acabo de ler um estudo do conhecidissimo escriptor Raul de la Grasserie, em que o grande mestre sustenta que o factor principal, quasi por si só sufficiente para transformar uma nação, tornal-a unificada, ou, ao contrario, separal-a em grupos, é a lingua. Ha quicá exagero, mas ninguem negará que a lingua unica é dos mais importantes coefficientes da unidade de um Estado Nossa lucta pois deve ser, quanto antes, a guerra á lingua alleman, e não me cabe, nesta rapida conferencia, enumerar os processos hoje conhecidissimos para a unificacão da lingua, com tanta felicidade applicados na Italia e em outros paizes da Europa, no curso do seculo XIX. Outros factores ha, e delles destacarei a unidade da legislação como sendo o segundo, pois nada ha a fazer quanto á unidade de crenças religiosas. E' o que nos resta fazer com os allemães que estão no Brasil.

Por outra parte, é nosso dever evitar essa perigosa immigração, e, pois não podemos expellir de nosso seio tal gente, ao menos, não admittiremos novos elementos

de perturbação de nossa vida de povo laborioso. Emfim, não sabendo até onde irá o nosso odio á raca que trucidou a humanidade, torturou innocentes belgas, destruiu tudo quanto achou a seu alcance, e que ficará na Historia ao lado dos Hunos e dos Vandalos, estamos na certeza de que, por muito tempo ainda, se lembrará o Brasil do que soffreu desses homens sem coração, e a guerra economica será possivel e salutar durante muitos annos. Povo e Governo unidos muito poderão fazer. povo boycottando os productos allemães, Governo guerra de tanifas, em denegação de quaesquer favores ao commercio e á industria dos allemães em nossa patria. Não nos esquecamos das affrontas que soffremos da Allemanha. Um dos mais importantes factores da grandeza de Roma, como vemos, desde os bancos escolares, nos Commentarios de Cesar á Guerra das Gallias, foi justamente não ter jámais esquecido a nova geração o que havia a antiga soffrido dos outros povos, e Cesar vingou muitos dos generaes romanos batidos pelos inimigos de Roma, defendendo dest'arte a honra daquella que deveria dominar o universo, e de cuja gloria na guerra tem a Allemanha tanta e tão ridicula inveja. Praza a Deus que nunca esqueçam nossos descendentes o que soffreu da Allemanha a actual geração, emquanto não conseguirem as nossas armas vingar a affronta que soffremos em nossos navios torpedeados. Iniciando minha Santa Cruzada em Campinas, a terra de Feijó e de tantos bravos que prestaram serviços á patria, fecho o cyclo de meus trabalhos na cidade que póde ser considerada a capital economica do Estado de São Paulo. Em suas velleidades de materialista, assombrava-se Julio Ribeiro sobre a previdencia de quem, como si conhecesse o futuro. fundára em ponto tão vantajoso ésta cidade. Em minha qualidade de crente, nenhuma admiração me causa que a Providencia Divina houvesse inspirado o fundador de Santos na escolha desse admiravel logar cujas extraordinarias vantagens só agora se tornaram patentes aos olhos dos homens. E' aqui que se deve pensar maduramente no que acabo de dizer sobre a guerra economica sem treguas, que é de nossa restrictissima obrigação mover á nação que, além de nos insultar em pleno oceano, á face do universo, perturbou nossas relações pacificas de commercio honrado de povo laborioso e humano. São os meus votos por ser eu ardente patriota.

BRAZ DE SOUSA ARRUDA,

Docente da Faculdade.